

# PRÁTICAS CORPORAIS E RELIGIOSIDADE: DISCURSOS DE LÍDERES RELIGIOSOS

José Luiz dos Anjos; Juliana Guimarães Saneto  
UFES/CESPCEO

## RESUMO

A temática corpo e religiosidade é pouco debatida na Educação Física. Encontramos na Sociologia e na Antropologia as maiores articulações pertinentes ao tema. Objetivamos verificar a relação entre as práticas corporais e a religiosidade e a possível influência das instituições religiosas frente às práticas corporais. Utilizamos as categorias sagrado e profano, baseando-nos em Eliade (1992) e controle e poder conforme Foucault (1987). Utilizamos da análise do discurso para interpretar as entrevistas conforme Fiorin (1999) e Weber (2004), realizadas com cinco lideranças religiosas distintas do município de Vila Velha – ES. Concluimos que existem restrições de algumas práticas corporais.

**Palavras chave:** Práticas corporais, Sagrado, Profano.

## INTRODUÇÃO

A temática corpo e religiosidade, situada no âmbito da discussão das práticas corporais, é uma questão ainda não debatida com muita frequência no meio acadêmico e, sobretudo, na Educação Física. As Ciências Sociais é a área que dá maior enfoque às relações corpo e religiosidade, mas encontramos na Sociologia e na Antropologia as maiores articulações e discussões pertinentes a esse tema.

Não é difícil perceber que a religiosidade desempenha um papel bastante significativo na vida social e política da sociedade e, assim como outras instituições (mídia, cultura, saber científico, família) exerce uma relação de poder com a sociedade, refletindo, portanto, na sua manifestação corporal. Podemos identificar a religiosidade manifestada em diversas instituições, seja tradicional (representada pela escola, igreja, família, etc.), seja moderna (como a mídia, a ciência e outras) ela está presente, confrontando valores, comportamentos e criando estilos de vida. A dança, o esporte, as práticas corporais sazonais manifestam, ainda que no âmbito secular, traços da religiosidade. Pretendemos, dessa forma, verificar a relação existente entre as práticas corporais e a religiosidade, bem como a possível influência das instituições religiosas em frente à prática de atividades físicas/práticas corporais, utilizando entrevistas semi-estruturadas direcionadas a lideranças religiosas.

## CORPO: ENTRE O SECULAR E O SAGRADO

Devido ao objeto de nosso estudo se pautar no âmbito da corporeidade, focalizando a eterna oposição entre os campos seculares e *profanos*, entre o que é permitido e o não permitido, objetivamos introduzir a compreensão do que é *profano* e *sagrado* tendo o corpo como espaço para essa disputa, que permeia o homem constantemente na luta contra as oposições que o cercam. Encontramos em Eliade (1992, p. 17), que “[...] a primeira definição que se pode dar ao *sagrado* é que ele se opõe ao *profano*”. O autor, prossegue, elaborando questões em que o campo *sagrado* reside na verdade absoluta sob todas as intempéries históricas: “Tudo que os mitos contam a respeito de sua atividade criadora – pertence à esfera do *sagrado* [...]. Em contrapartida, o que os homens fazem por própria iniciativa, o que fazem sem modelo mítico, pertence à esfera do *profano*: pois é uma atividade vã e ilusória, enfim, irreal” (ELÍADE 1992, p. 85).

As concepções de *sagrado* e de religiosidade se propagam e perduram no decorrer da história de maneira imaginativa, simbolizando como verdade absoluta o que se pretende transmitir (ELÍADE, 1992). E essa continuidade é possível através de duas instituições: tradição e cultura. Como diz Eliade (1992), só há a perpetuação daquilo que é mítico por meio da tradição ritualística, ou seja, pela transmissão de comportamentos, religiosidades ou qualquer prática que lembrem a manifestação de realidades. A tradição está constantemente incumbida de promover transmissão de ritos para que, com isso, consiga a perpetuação daquilo que é mítico, mas essa função não é absoluta, pois o que pertence no campo do *profano* luta no sentido de substituir o que se encontra no campo do *sagrado*, disputando o corpo como espaço para permanecer seu poder. A modernidade, a tecnologia, os valores, os

comportamentos, as novas contribuições científicas, sociais econômicas e culturais são estratégias do campo secular que se constituem no *domínio* do corpo.

Para Fontanella (1995, p.126), “[...] a humanidade é um grande rebanho com alguns condutores”, ou seja, as instituições sociais funcionam como guias da humanidade, domando, domesticando, amansando e vigiando. A articulação de dominação dos corpos se encontra na ação dos saberes das instituições, na sua eficácia de condução dos comportamentos. Anular o corpo e a possibilidade da transcendência das emoções tem sido o papel das instituições que operam com o inteligível.

O corpo foi descoberto como objeto e alvo do poder e grande atenção tem sido a ele dedicada, “[...] ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil”. Para Foucault (1987, p. 117), a escola, por exemplo, se prende a esse papel. Com o exercício de poder das instituições sociais, o corpo torna-se instrumento – objeto manipulável, dócil, submisso, e acima de tudo, útil; e, é claro, incapaz de gerar conflitos e rebeldia. Isso pode ser percebido em Foucault (1987, p. 118), que compreende o corpo dócil como aquele “[...] que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Dessa forma, o corpo só se torna útil quando é, ao mesmo tempo, produtivo e submisso, um corpo inteligível e, manipulável; que não se foge à conotação de domesticação. Ambos são compreendidos dentro de uma mesma perspectiva: um trabalho restritivo que visa criar a obediência às regras e à forma de imobilizar o conflito, isto é, tornando os corpos manipuláveis, não os deixando formar opiniões próprias. E aí surgem os fatores institucionais, incluindo os educacionais que, além de promoverem a conformação dos corpos, também influenciam, submetem e até mesmo criam técnicas corporais que, segundo Mauss (1974, p. 407), “[...] são maneiras dos homens servir-se de seus próprios corpos”.

## **PRODUÇÃO TEÓRICA: CORPO, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA**

A produção teórica acerca das práticas corporais e religiosidade, na Educação Física, ainda é embrionária, não mantendo um acúmulo de estudos que apontam em direção aos eixos norteadores da discussão deste trabalho, em que serão discutidos alguns estudos realizados na área da Educação Física acerca da religiosidade, englobando a sua possível contraposição em frente à atividade física, bem como à sua prática.

Rigoni (2005) verificou a interferência da cultura religiosa no aprendizado das técnicas corporais dentro do universo escolar e mais precisamente durante as aulas de Educação Física. Em sua observação, procurou constatar se as doutrinas religiosas de determinados alunos interferiam no seu aprendizado, assim como em suas técnicas corporais, a partir das disciplinas transmitidas pelas instituições religiosas.

Semelhante à Rigone (2005), Santos e Mandarinó (2005) relatam uma experiência escolar envolvendo uma aluna que estava proibida de participar das aulas de Educação Física pela Igreja, porém o professor via na aluna o desejo de tomar parte das atividades propostas durante as aulas. A escola decidiu não permitir tal restrição por parte do líder religioso, quanto aos assuntos escolares. A autoridade escolar foi respeitada pelo líder que autorizou a aluna a participar das aulas de Educação Física, com a condição de que ela realizasse as atividades com uma bermuda por baixo de sua saia. A condição foi acolhida pelo professor e daí em diante a aluna participou ativamente das aulas.

Um ponto de discussão entre esses dois estudos é a reação e a atitude do professor em frente ao problema. Vimos que, em Rigoni (2005), a intervenção da professora se direcionou à família das crianças, já em Santos e Mandarinó (2005), o acordo se deu entre as instituições Escola e Igreja. Analisando essa colocação, podemos perceber que os assuntos e problemas familiares e até mesmo de ordem pessoal são repassados para Igreja e, nesse caso, resolvidos por ela.

## **OS DISCURSOS SUBJACENTES: O QUE FALAM OS LÍDERES RELIGIOSOS ACERCA DAS PRÁTICAS CORPORAIS**

O trabalho utilizou uma análise do discurso acompanhada de entrevistas semi-estruturadas, em que fizeram parte quatro perguntas realizadas com cinco líderes religiosos pertencentes às igrejas: *Batista, Assembléia de Deus, Maranata, Universal do Reino de Deus e Adventista*, com o intuito de constatar o que esses cinco líderes discursam acerca do corpo e da prática de atividade física,

verificando a relação existente entre a sua prática e as questões doutrinárias das igrejas evangélicas aqui estudadas.

O município da Grande Vitória escolhido para o levantamento dos dados foi o de Vila Velha – ES. A seleção das denominações religiosas se deu de acordo com a tipologia: Protestantismo Histórico, Pentecostalismo, Neopentecostalismo e Cristãos Independentes, conforme Mariz (1998). A escolha das denominações institucionais religiosas não obedeceu a linha única, portanto, algumas denominações encontram na classificação proposta por Mariz (1998) e Mendonça (1998). Vale refletir que qualquer conceituação e a conseqüente classificação exigem ponto de partida e critérios rigorosos que nos faz dar segurança e ao mesmo tempo destilar todo preconceito do pesquisador. Fizemos opção sob o ponto de vista sociológico, propondo a escolha das igrejas cristãs que buscaram uma alternativa religiosa que deslocou o centro das decisões e poder das mãos dos letrados (como conceituam Weber e Bourdieu) para as mãos dos que ficaram tradicionalmente à margem dos centros de decisão.

Foram observadas e analisadas as relações existentes entre os construtos teóricos com a manifestação dos envolvidos, permitindo a interpretação das ações e representações dos dados coletados pela pesquisa, em que foi utilizada a mensagem verbal, com inferências dos dados obtidos nas respostas dos dirigentes religiosos entrevistados.

Quanto ao método de análise e interpretação foram observadas e analisadas as relações discursivas conceituais e categóricas existentes entre os construtos teóricos com a manifestação dos envolvidos, permitindo a interpretação das ações e representações dos dados coletados pela pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das respostas obtidas nas entrevistas, elaboramos a redução dos discursos para posterior análise e interpretação das categorias observadas nas respostas, o que é fundamental para uma análise do discurso baseada em Fiorin (2005).

A primeira pergunta suscitada aos dirigentes das instituições religiosas objetivou traçar uma relação entre ciência e atividade física, com a pretensão de entender o pensamento desses líderes em frente à prática de atividades físicas, bem como a sua importância: “Segundo a ciência médica, a prática de atividade física leva as pessoas a terem saúde e um corpo saudável. Como a igreja faz essa análise?”. As respostas dos dirigentes trouxeram dois pontos que merecem ser analisados: em primeira instância, podemos perceber que, para alguns dirigentes, a atividade física é importante por si só: “O físico deve ser cuidado com atividades diversas”; “Eu vejo a atividade física com muita importância”; “A atividade física é importante para o desenvolvimento físico e mental”; “Leva as pessoas a terem saúde e um corpo saudável”; “Importante para se ter um corpo saudável”. A partir das respostas percebemos que todos entendem a atividade física como algo importante e necessário para o desenvolvimento do indivíduo. Não houve qualquer contraposição em relação à pergunta. Essa questão científica está presente em Gomes (2005), quando cita: “O pensamento cartesiano liberou o corpo do domínio da Igreja para o jugo da ciência”.

O segundo questionamento buscou saber “Se é realizado algum tipo de atividade física entre os integrantes da igreja?”, objetivando verificar se há algum tipo de incentivo ou apoio por parte das instituições em frente à prática de atividades físicas. Analisando as respostas dos dirigentes, podemos constatar que o incentivo, quando há, “[...] se dá através de retiros”, projetos como “Projeto Bom de Bola”, “Departamentos específicos para a prática de atividade física” e por meio de associações, “[...] onde os jovens e membros da igreja são levados à prática de esportes com toda a orientação necessária” e com pouca frequência. Apenas um dos dirigentes discursa que “[...] a igreja não incentiva, mas também não se opõe”.

A análise necessita e redesenha uma configuração interpretativa que promove dois momentos de discussão. Segundo as lideranças, as Igrejas não são contrárias à prática de atividades físicas e quatro delas até mesmo oferecem um incentivo, desde que sejam devidamente vigiadas por elas.

Primeiramente, a instituição entendendo a necessidade emergencial humana, procura promover seus próprios projetos. Nessa situação as instituições criam seus mecanismos de trabalhar com o corpo conforme as orientações doutrinárias. Percebe-se na análise que a frequência das atividades e projetos propostos não são contínuos, pois ao discursar que são realizados “em retiros” e “com pouca frequência” denota uma condição para essa intervenção. “Retiros” são espaços físicos que abrem possibilidades de

vigilâncias físicas e subjetivas. São espaços que fornecem elementos constitutivos de tradições de rituais que permitem a continuidade de ações doutrinárias que vão vingar subjetivamente. O discurso da “igreja não incentiva mas também não se opõe”, invoca um pretensão discurso descompromissado, deixando ao *juízo* a decisão. Percebe-se, o corpo sendo julgado pelo *juízo*, se encerrando numa vigilância mais tênue que a própria instituição religiosa. Para entender a ação discursiva remetendo ao *juízo* as ações corpóreas recorreremos a Foucault. Para Foucault os domínios que as instituições procuram remeter ao corpo são meios políticos institucionais utilizados para estabelecer o controle da presença x ausência de uma soberania exercida sobre uma força prestes a revoltar-se (1985).<sup>5</sup>

“Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, mediar as qualidades ou os méritos” (FOUCAULT 1987, p. 123).

Nesse discurso, podemos perceber o poder de vigilância e de manipulação por parte das instituições religiosas, com seus fiéis, a partir do momento em que oferece a prática de um lazer vigiado e restrito com normas e orientações.

Num segundo momento desta análise, talvez possamos avançar a hipótese de que a adição de elementos culturais da modernidade pode ser identificada no contexto das instituições religiosas. Ora, as questões religiosas também se movem por ações dinâmicas não sendo estáticas. Cresce no interior das instituições mobilizações coletivas e estruturais onde as relações sociais são propícias para fragmentação da rotinização, possibilitando em não transformar as relações coletivas em mecanismos de estagnação. Pois se “estagnar” “o rebanho não cresce”, fundamenta Anjos (2004) ao tratar do dinamismo e do aumento dos grupos “atletas de Cristo”, no interior do esporte.

Em efeito, podemos analisar que as instituições religiosas, salvo *juízo* das denominações por nós escolhidas, já não é novidade e passam a exercer atração simbólica para mobilizar as massas. Surgem então, movimentos e projetos que não hesitam em lançar mão, conscientemente ou não, de elementos da cultura profana e religiosa com força suficiente para apoiar novas mensagens religiosas que vão ao encontro dos desejos e necessidades coletivas, individuais e sociais. Daí o sucesso de movimentos na literatura, música (shows gospel), artes e lazer.<sup>6</sup> Aqui reside uma preocupação nessa análise. Será que devido essa tendência podemos situar essas denominações institucional religiosa tomando suas classificações de forma histórica? Parece-nos, que desde logo, que devemos abandonar, ao menos como gênero as igrejas tradicionais que passam constituir novos mecanismos de evangelização como não tradicionais ou dar à elas outra classificação, o que nos perturba, e muito neste momento. Tal motivo é que se esse fato vem ocorrendo, o corpo ganha espaço retornando as necessidades humanas emergenciais. Isto posto podemos antecipar dizendo que na luta entre sagrado e profano pela conquista do corpo, atribuíríamos a vitória ao corpo.

A intenção da terceira pergunta foi verificar “Se a doutrina da instituição se opõe à prática de alguma atividade física ou coloca normas para tais práticas?”. Por esse questionamento, procuramos saber se existem objeções em relação à prática de algum tipo de atividade física e o uso de uma vestimenta adequada para as práticas esportivas, conforme identificamos nas análises dos artigos estudados. E diante desse questionamento, verificamos que apenas um dos líderes envolvidos na pesquisa mostrou não se opor e muito menos restringir qualquer prática corporal, pois argumentou que “As pessoas são livres para pensar e agir. Apenas orientamos as pessoas no campo espiritual”. Nesse discurso, podemos ver o que historicamente foi construído como artifício para aprisionamento do corpo: a dualidade do homem. Para análise, buscamos embasamento em Fontanella (1995), quando o autor argumenta que o homem, a todo instante, se divide, ora em corpo, ora em alma. Não se tem uma visão una, de homem total. O enobrecimento da alma e sua conseqüente divisão do corpo não são recentes: “A visão dualística do homem é muito antiga. Ela é mesmo imemorial. E também aparentemente universal” (FONTANELA, *apud* ANJOS, 1995, p. 121). O homem é educado desde o nascimento na

<sup>5</sup> Estamos utilizando *juízo*, pois, fazemos referência ao uso desta categoria nos estudos sócio-teológicos. *Juízo* implica no prolongamento da vigilância institucional sobre o corpo. O corpo age em função da permissão institucional, mesmo não estando sob vigilância concreta/presente.

<sup>6</sup> Criam-se estruturas hierarquizadas burocraticamente onde os departamentos de esporte, música, festas, artes etc., são possibilidades de permitir ações controladas institucionalmente.

duplicidade: “[...] na duplicidade da realidade – eu e o mundo; na duplicidade da convivência – eu e os outros; na duplicidade da pessoa – eu e o meu corpo” (FONTANELLA 1995, p. 129). Quanto aos demais líderes, alegaram que a doutrina de suas igrejas se opõe e também restringem certas práticas corporais, como “a capoeira”, “atividades que envolvam o candomblé” e “as danças sensuais e carnavalescas, atividades físicas de linha filosófica religiosa e esportes violentos”.

E quanto a exposição do corpo na prática das atividades físicas, discursam que são contra o uso de “roupas escandalosas” e que orientam as pessoas a “não usar vestes muito chamativas”, devido à exposição demasiada do corpo, bem como a sua *valorização*. A dança, expressão primitiva do homem, sempre sofreu oposições. Ela é um ritual em que o corpo se transcende e se torna perigoso para as instituições, pois, na transcendência, escapa-se ao controle. Historicamente, a dança simboliza a face profana que o cristianismo sempre condenou. A condenação ao corpo englobou as artes que refletiam a decadência do corpo, e a dança foi uma delas. A dança permitiu aos povos a liberdade de expressar conforme as suas necessidades e, nessas expressividades, a dança foi utilizada como forma de comunicação com os vários deuses, como magia e, após, como forma de ritos, diversão, culto ao corpo, motivos que resultaram na negação pelas instituições religiosas.<sup>7</sup> As ações do corpo têm que ser devidamente controladas, metrificadas, esquadrihadas. Se as danças levam à sensualidade, os gestos, as expressões, enquanto o corpo dança, podem identificar a sensualidade, a postura, a beleza e a leveza corporal. Trata-se das *transcendências de emoções* encontradas nos esportes, nos jogos, no lúdico, enfim, naquilo que o corpo liberta.

Analisando Weber (2004), a transcendência para os puritanos protestantes é desnecessária e sem utilidade pois abre as portas do mundo para deleite do corpo. É na transcendência que o corpo comanda as suas ações, as quais excedem em comportamentos mundanos. Portanto, nas *emoções* encontradas nas danças e nas práticas corporais é entendida como perigosa ao corpo. Nesse sentido, podemos perceber, diante das respostas dos dirigentes, que há uma total restrição em frente à capoeira ou qualquer outra prática que envolva ou se relacione com origens ontológicas, o que é explicado por Gomes (2005). Trata-se de uma rejeição quase absoluta a todas as expressões culturais brasileiras, como a capoeira, o carnaval e qualquer outra prática ou atividade que envolva elementos simbólicos do candomblé.

Por motivos descritos por Lopes (1992), vários professores de Educação Física defendem a inserção da capoeira nas escolas, porém trata-se de uma prática condenada por muitos devido às suas raízes africanas, bem como a sua relação com o candomblé, presente principalmente nas cantigas e ritmos. Porém, essa inclusão tem sido um problema em algumas escolas, devido à resistência e restrição de ordem familiar e religiosa. Segundo Prandi (1998), a religião dos orixás, na qual se inclui o candomblé, cultua mistérios e segredos, implicando a idéia de perigo e risco no que diz respeito ao imaginário popular, e qualquer semelhança realimenta o preconceito. Quanto à questão da vestimenta, podemos usar como referencial teórico Gomes (2005), que considera como manifestação corporal o vestuário, além da dança, da prática de esportes, o teatro, a coreografia nos cultos, etc. Assim, podem ser excluídos pela alegação de fazerem apologia à sexualidade, que é tida como profana por muitas denominações religiosas.

A última pergunta refere-se ao contexto escolar, questionando “Como seria resolvida pelos dirigentes a problemática dos alunos não participarem das aulas de Educação Física usando a religião como fator de impedimento”, como vimos em Rigoni (2005) e Santos e Mandarinó (2005). Essa questão nos remete a primeira quando emitimos uma locução direta na pergunta, colocando duas instituições ciência e instituição religiosa. Aqui voltamos a trabalhar, mas no sentido de colocar a instituição escolar frente ao líder, por se tratar do locutor direto das instituições religiosas.

Os *líderes*, em suas respostas, atribuem aos pais esse impedimento e, de maneira geral, à família por esse episódio “Deve-se orientar melhor os pais” e “Deve ser feita a análise do problema junto

---

<sup>7</sup> Essa referência de músicas está estreitamente relacionada as músicas que fazem invocações aos deuses afros, como na música de Vinicius de Moraes interpretada por Daniela Mercury, “Meu pai Oxalá”: ATOTÔ ABALUAYÊ, ATOTÔ BABÁ, ATOTÔ ABALUAYÊ, ATOTÔ BABÁ, VEM DAS ÁGUAS DE OXALÁ, ESSA MÁGOA QUE ME DÁ, ELA PARECIA O DIA, A ROMPER DA ESCURIDÃO, LINDA NO SEU MANTO TODO BRANCO, EM MEIO À PROCISSÃO, E EU, QUE ELA NEM VIA, AO DEUS PEDIA AMOR E PROTEÇÃO, MEU PAI OXALÁ É O REI, VENHA ME VALER, O VELHO OMULU, ATOTÔ ABALUAYÊ [...]

ao jovem e sua família”. Em momento algum os líderes atribuíram o fato a questões pertinentes ao universo religioso no qual participam os pais e as crianças. Com a isenção da influência religiosa, os líderes alegam que tudo isso depende muito da educação que cada família confere aos seus filhos, já que “Há famílias que deixam e outras que não”.

Os líderes, em sua maioria, deixam clara a sua posição em relação à instituição escolar, expressando uma idéia hierárquica e nenhuma oposição a instituição escolar em seus discursos: “Resolveria orientando os pais a obedecerem às normas da escola”, “Resolveria orientando os pais a não irem de encontro às normas da escola”. Isso mostra que há uma hierarquização institucional quando atribuem obedecerem “as normas escolares”. Essa hierarquização é sábia, Não é gratuita. No entanto, nas falas dos líderes apontam ambivalência discursiva. Fica explícita a relação de poder existente entre as instituições sociais, revelando que “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT 1987, p. 118).

Mas a ambivalência vem no sentido que as lideranças se isentam diante de uma instituição que historicamente revela controle ao corpo. O aperfeiçoamento pedagógico, processos metodológicos e sistemas de classificação, são mecanismos de controle que as instituições religiosas ainda não desenvolveram hermeneuticamente. Se a instituição religiosa opera no subjetivo, a escola traça seus mecanismos no corpo como um todo, pois não existem discursos fora das relações de poder, como enuncia Foucault. O poder opera no corpo. A instituição escolar trabalhando com o saber pedagogizado impõem sentidos e cria novas subjetividades, ou seja, a instituição escolar é dinâmica na operosidade com o corpo. Os mecanismos escolares no controle ao corpo não se limitam a exclusão, há recompensas e promoções elogiosas, promovem classificações individuais e coletivas (enquanto que a promoção da religiosidade é futura, não é terrena e é sempre individual). Se a recompensa ao corpo pela obediência religiosa não é terrena, já a recompensa pela instituição escolar é concreta, objetiva e não precisa esperar por um devir. A *exclusão escolar* é sentida no corpo, na carne; é sentida pela forme, pela dor, enfim pela exclusão aos bens culturais produzidos pelas máquinas construídas pelas *mentes* seculares, que após a Revolução Industrial os rituais sagrados se curvaram. Por mais que entendamos que o *poder escolar* não é corporal, sabiamente trata-se de um poder físico, de evoluções contínuas, seriações, tornando-se o corpo objeto tecnológico da instituição escolar. Isentar-se diante desse poder (o que os líderes discursaram) é relativamente admitir a operosidade de uma instituição que vem respondendo, na modernidade, ao controle do corpo, projeto tão sonhado de outras instituições.

## CONCLUSÃO

O presente estudo procurou estabelecer relações entre as práticas corporais e a religiosidade de acordo com as concepções do que é sagrado e profano, mantidos e propagados pela *instituição religiosa*, levando em consideração os discursos de lideranças religiosas. Percebemos que nos discursos as falas procuram certo distanciamento entre corpo e alma. Distanciamento tão caro ao corpo que historicamente seus “comportamentos contribuem para manter a santidade do mundo”, conforme (Eliade, 2001, p. 88).

Pode-se concluir que o distanciamento de corpo e alma, é uma narrativa discursiva das lideranças mas que fornece elementos para uma interpretação clara: há preocupação com o corpo, no sentido de ocupá-lo com o que é sagrado para que não contamine o seu parceiro, o espírito. Essa possível *dualidade* presente na literatura não está presente nos discursos das lideranças. Pois se há uma preocupação com o concreto, é sinal que *corpo e alma* ou *corpo e espírito* se comunicam e se fazem por completar-se. Justamente essa condição de comunicação que podem influenciar a prática de atividade física.

A partir da análise das entrevistas, pudemos observar que, os discursos não apontaram oposições diletantes quanto à prática da atividade física. A posição do resgate corpóreo partiu para determinadas condições restritivas de algumas práticas corporais, quando essas fornecem elementos que transcende o objetivo, o concreto e manifesta um distanciamento do corpo da esfera do sagrado. Essa posição encontramos entendimento em Weber, onde - aqueles que querem apenas o gozo e, conseqüentemente o ócio, a sensualidade e o perigo do relaxamento, estariam como que contrariando a vontade divina. Quando as *práticas corporais* pensadas tão somente como uma finalidade em si, que

chega a ser superior a felicidade ou utilidade do indivíduo, deve-se nesse momento afastar o corpo de todo gozo espontâneo da vida, destituindo-o de qualquer caráter hedonista.

Isso motiva a entendermos os discursos da primeira questão buscando Weber para análise e conclusão de nossos estudos. A racionalidade e os atributos utilitários devem se fazer presentes nas práticas corporais segundo os discursos das lideranças religiosas. Se as *práticas corporais* objetivam o alcance de um corpo saudável, os discursos das lideranças vem favoráveis à elas. O corpo deve-se orientar todo o seu trabalho, no sentido de contrariar as atitudes do desfrute espontâneo. Os bens culturais produzidos não podem ser objetos de prazer. Aqui, *práticas corporais* são exemplos de servir a uma finalidade racional estabelecendo o que é necessário ao corpo.

Concluindo diríamos que quando as instituições religiosas fizeram difundir na sociedade o desenvolvimento de um estilo de vida, inaugurou algo singular na história da cultura moderna, a possível sacralização do corpo. Quando o ascetismo foi levado para fora das instituições religiosas, passou a influenciar a moralidade e a ética secular. Assim fez inaugurando uma poderosa vigilância moderna, produzindo uma técnica coletiva constituindo um sistema de normas, levando ao corpo a perda de liberdade.

A vigilância das instituições religiosas, no mundo moderno, considerou a instauração de mecanismos onde a *razão* erigiu suas raízes, os comportamentos passam tendencialmente da consciência dos corpos socializados para as instâncias planificadoras das instituições sociais. Hoje, tudo tende a ficar cada vez mais submetido a racionalização, assim também é o corpo, onde seus impulsos mais íntimos, pressupõe uma acomodação às exigências que procura converter todo tipo de comportamento profano. A luta da alma/do espírito sobre o corpo é um *ritual*, é também uma realidade que se põe frente ao corpo como uma verdade absolutamente *mítica*.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, José Luiz dos. *Corporeidade, higienismo e linguagem*. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1995.
- ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FONTANELLA, Francisco Cock. *O corpo no limiar da subjetividade*. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade: os cuidados de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GABRIEL, Oldrey P. Bittencourt; VIEIRA, Lenamar Fiorese. A comunidade adolescente presbiteriana: seus costumes e valores. *Revista da Educação Física / UEM*, Maringá v. 12, n. 2, 2001.
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A cultura clerical e a folia popular. *Rev. Bras. Hist*, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 17, n. 34, 1997.
- GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. *Revista de Estudos da Religião / PUC*, São Paulo, 2005.
- MARIZ, Cecília Loreto. A dinâmica das classificações no pentecostalismo brasileiro. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; GOUVEIA, Eliane Hojaij; JARDILINO, José Rubens Lima (Org.). *Sociologia da Religião*. São Paulo: PUC, 1998.
- MENDONÇA. Antonio G. *Pentecostalismo e as concepções históricas de sua classificação*. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; GOUVEIA, Eliane Hojaij;
- JARDILINO, J. Rubens Lima (Org.). *Sociologia da Religião*. São Paulo: PUC, 1998.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, 1998.
- RIBEIRO, Antônio Lopes. *Capoeira terapia*. 3. ed. Brasília: Secretaria de Desportos, 1992.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. Educação física e religião: a influência da cultura religiosa no aprendizado das técnicas corporais. *Anais da Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Porto Alegre, 2005.

SALOMÃO, Alexandre França; CARMO, Gonçalo C. Moreira. Lazer e religião: nexus entre o corpo e o espírito?. *Anais da Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Edmilson Santos dos; MANDARINO, Cláudio Marques. Juventude e religião: cenários no âmbito do lazer. *Revista de Estudos da Religião / PUC - São Paulo*, n. 3, 2005.